

190

GIRØ1387

RETORNO ÀS MISSÕES

TADEU VILANI, ESPECIAL/ZH



Um grupo de 42 índios guaranis foi transferido de Santa Rosa para a redução jesuítica em São Miguel, onde está erguendo casas e produzindo artesanato. **Pág. 42**

190

ZIR 01387/um

SÃO MIGUEL DAS MISSÕES

Índios guaranis voltam para redução jesuítica

Grupo se muda para onde seus antepassados viveram há 300 anos

TADEU VILANI - ESPECIAL/ZH



Artesanato: somente descendentes dos índios missioneiros podem vender produtos no sítio arqueológico

PATRÍCIA SPECHT

Correspondente/São Miguel das Missões

Ruínas de paredes de pedras e imagens de santos em madeira — tesouros da era missioneira — não contam mais sozinhas a história da redução jesuítico-guarani construída em São Miguel no século 17. A saga missioneira ganhou vida, contornos físicos e sotaque guarani com a chegada de 42 índios ao município.

A maioria do grupo nasceu na Argentina, mas vivia no município gaúcho de Santa Rosa antes de mudar para São Miguel. Em dezembro de 1994 e janeiro de 1995, chegaram os primeiros 16 indígenas à redução. Desde então, dezenas de grupos passaram por São Miguel, considerado pelos guaranis uma "terra de índio". O grupo atual, no entanto, é o mais numeroso a acampar na cidade, onde viveram cerca de 6 mil índios há mais de 300 anos.

Acampados em uma rodovia em Santa Rosa, os descendentes dos guaranis que construíram a redução foram até São Miguel em um caminhão da prefeitura. Com barro, taquara e palha, ergueram habitações em um terreno de 2,8 hectares pertencente ao município e protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A prefeitura providenciou água encanada e a Fundação Nacional

do Índio (Funai), comida. "Mais que a sobrevivência física, os guaranis precisam de um espaço para a sobrevivência cultural", explica o engenheiro florestal Luis Claudio Silva, diretor da 12ª Sub-regional do Iphan.

A poucos metros das casas erguidas, fica a fonte jesuítica com anjos esculpidos em pedra arenito no século 17. De uma floresta de 570 hectares, os indígenas retiraram a taquara utilizada no telhado das habitações e na confecção de cestaria.

Além do idioma guarani, os índios acampados em São Miguel falam espanhol e português

O guaimbé (cipó) é usado para a produção de balaio e no acabamento de peças de artesanato. Pequenos pedaços de madeira guajuvira e salso se transformam, com golpes precisos de facas ou navalhas, em esculturas de animais como o caburé (coruja), aruai (arara), gague (tamanduá) e carumbe (tartaruga).

Além do idioma guarani, os índios acampados em São Miguel falam espanhol e português. A presença deles em solo mis-

sioneiro está ajudando o Iphan a estudar o artesanato, a construção e a utilização de plantas medicinais. "Eles conhecem muito as florestas e a vegetação", entusiasma-se o engenheiro Silva. Atrás da Igreja de São Miguel, a área onde os índios cultivavam hortas e pomares na época dos guaranis voltou a ser semeada com mandioca e milho.

A produção artesanal dos guaranis fica à espera dos turistas no chão do Museu das Missões, no sítio arqueológico São Miguel Arcajo. Ninguém, além dos índios, está autorizado a vender objetos dentro do sítio tombado como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

De origem nômade, os guaranis sempre transitam pelo Brasil, Argentina e Paraguai — os três países formam a chamada Nação Guarani. As fronteiras dos brancos são ignoradas. Como descendentes dos guaranis missioneiros, os mais novos moradores de São Miguel proporcionam um encontro com a história. "Eles podem ser uma atração turística, desde que não sejam tratados como animais em um zoológico", afirma Silva. Em Brasília, o prefeito de São Miguel das Missões, Mário Ribas do Nascimento, buscará o comprometimento da Funai com o envio da alimentação. "Queremos também uma área para assentá-los, de preferência no município."